

# AS MICROFIÇÕES NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: OFICINA DE ESCRITA LITERÁRIA

KARINA TORRES MACHADO\*

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

<http://orcid.org/0000-0002-3614-9670>

## RESUMO

O mundo tecnológico, característico do século XXI, propiciou a disseminação de gêneros literários ainda pouco estudados pela academia, como o nanoconto, o miniconto, o microconto e o conto curto. A inserção dessas microficcões em sala de aula, por meio de oficinas de escrita literária pautadas na leitura, na recepção, na análise e na produção desses textos proporciona uma aproximação dos estudantes com a arte literária e a multiplicidade de gêneros, formas e estilos que a arte dispõe para representar a vida. Sendo assim, constituem espaços plurissignificativos de imersão literária, em que o texto literário é vivo, debatido, refletido, sentido e significado. Por meio da pesquisa bibliográfica, as microficcões são apresentadas como alternativas metodológicas de ensino de literatura para alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, a fim de promover práticas de ensino mais coerentes e condizentes com as necessidades pulsantes dos estudantes e das demandas do século XXI, além de propiciar a formação leitores literários competentes. Nesse sentido, a oficina de criação literária oportuniza novos espaços de leitura e escrita literária que permitem aos estudantes tecer relações plurais com a vida, ampliar o repertório cultural, literário e estilístico, além de possibilitar o surgimento de maior criticidade com a produção escrita e o fazer artístico.

**Palavras-chave:** Microficção; Leitura literária; EJA; Ensino.

## ABSTRACT

### THE MICROFICTIONS: LITERARY WRITING WORKSHOP IN THE TEACHING OF YOUTH AND ADULTS

The technological world, characteristic of the 21st century, provided the dissemination of literary genres still little studied by the academy, such as the nanotale, the minitale, the microtale and the short story. The insertion of these microfictions in the classroom, through literary writing workshops based on reading, reception, analysis and production of these texts, provides students with an approach to literary art and the multiplicity of genres, forms and styles that art disposes to represent life. Thus, they constitute pluri-significant spaces of literary immersion, in which the literary text is alive, debated, reflected, sense and meaning. Through bibliographic research, microfictions are presented as

\* Doutoranda em Estudos Literários no PPG-Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Egressa do PROFLETRAS. E-mail: [ka\\_torresm@yahoo.com.br](mailto:ka_torresm@yahoo.com.br)

methodological alternatives for teaching literature to students of the Youth and Adult Education – EJA, in order to promote teaching practices that are more coherent and consistent with the pulsating needs of students and the demands of the century. XXI, in addition to providing the formation of competent literary readers. In this sense, the literary creation workshop provides new spaces for reading and literary writing that allow students to weave plural relationships with life, expand the cultural, literary and stylistic repertoire, in addition to enabling the emergence of greater criticality with the written production and the make artistic.

**Keywords:** Micro-fiction; Literary reading; EJA; Teaching.

## RESUMEN

### MICROFICCIONES EN LA DOCENCIA DE JÓVENES Y ADULTOS: TALLER DE ESCRITURA LITERARIA

El mundo tecnológico, característico del siglo XXI, ha propiciado la difusión de géneros literarios aún poco estudiados por la academia, como el nanorrelato, el minicuento, el microrrelato y el cuento. La inserción de estas microficciones en el aula, a través de talleres de escritura literaria basados en la lectura, recepción, análisis y producción de estos textos proporciona una aproximación de los alumnos con el arte literario y la multiplicidad de géneros, formas y estilos que el arte tiene para representar la vida. Así, constituyen espacios plurisignificativos de inmersión literaria, en los que el texto literario está vivo, se debate, se reflexiona, se siente y se significa. A través de la investigación bibliográfica, las microficciones se presentan como alternativas metodológicas para la enseñanza de la literatura a los estudiantes de la Educación de Jóvenes y Adultos – EJA, con el fin de promover prácticas pedagógicas más coherentes y consistentes con las necesidades palpitantes de los estudiantes y las exigencias del siglo XXI, además de proporcionar la formación de lectores literarios competentes. En este sentido, el taller de creación literaria proporciona nuevos espacios de lectura y escritura literaria que permiten a los alumnos tejer relaciones plurales con la vida, ampliar el repertorio cultural, literario y estilístico, además de posibilitar el surgimiento de una mayor criticidad con la producción escrita y el hacer artístico.

**Palabras clave:** Microficción; Lectura literaria; EJA; Enseñanza.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A formação de leitores competentes é um dos desafios enfrentados pelas instituições de ensino atualmente, uma vez que o contato com o texto literário deve cumprir mais do que

funções didáticas ou pedagógicas, deve proporcionar ao leitor viajar e visitar terras desconhecidas, descobrir lugares inimagináveis, humanizar o sujeito pela interação propiciada entre autor-texto-leitor.

Nesse sentido, a promoção de oficinas de escrita e leitura literária de microficcões, por meio de recursos didáticos diferenciados, representa uma alternativa para o professor

1 O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT, junto à Universidade de Mato Grosso do Sul – UFMS, Câmpus de Três Lagoas.

mediador possibilitar momentos de contato com o texto literário, pautados em experiência de exploração do simbólico e, assim, permitir aos alunos refletir sobre o lido e fabular as próprias vivências de forma significativa e transformadora.

Dessa maneira, a oficina de escrita literária representa uma alternativa a ser realizada pelos docentes, para que os estudantes possam ter experiências de leitura literária, mediadas pelo texto, pelo contato individual, pela investigação, constatação, refutação e ampliação do conhecimento sobre a arte literária. Fato que legitima o ensino-aprendizagem e aprimora a circulação ativa do texto literário no espaço escolar, pela exploração significativa da palavra, do texto e da arte. Ademais, a oficina veicula aos professores mediadores a concepção de que o texto literário amplia os espaços para a existência ao dessacralizar o ensino-aprendizagem do texto literário do viés conteudista e avaliativo e desperta a criação de saberes que viabilizam o encontro e a discussão em torno da leitura literária no âmbito escolar.

O objetivo deste artigo é o de apresentar aos professores uma alternativa metodológica para a promoção da leitura literária em sala de aula, ao evidenciar como a inserção de uma oficina de escrita literária de microficcões pode vir a ser um recurso educacional capaz de auxiliar tanto o mediador na promoção de aulas de leitura literária que promovam a multissignificação do texto e da própria vida, quanto formar leitores competentes.

## LEITURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DE LEITORES

A ação de contar, de narrar e de ouvir histórias caminha paralelamente à evolução da espécie humana e, nesse sentido, a arte literária, como *mimese* da existência, desenvolveu e aperfeiçoou, ao longo dos séculos, formas distintas para exprimir esse conteúdo latente, pungente e instável que é o viver. Antes das aventuras de **As Mil e uma noites**, narrativas povoavam

o imaginário coletivo e foram responsáveis por endossar o aspecto fabulativo, criativo e simbólico do indivíduo. Essa ação, por sua vez, ressaltou a importância expressiva da palavra como forma de representar o mundo e, conseqüentemente, as profundezas do sujeito e do outro, despertando a formação de sensibilidades, de encontros e de afetividades em torno do vocábulo lido.

A exploração polissêmica dos vocábulos colabora para o despertar e o desvelar de novos horizontes de expectativas dos sujeitos, possibilitando-lhes apreender os estilhaços do mundo para agir em prol de uma existência catártica e plural, que, ao preencher os vazios sentidos e vividos, torna-se espectro da própria vida. Dessa maneira, o contato com o texto literário institui novas ordens, uma vez que “lendo reflete-se e presentifica-se na história” (CAVALCANTI, 2002, p. 13). Diante disso, o encontro com a palavra propicia aos indivíduos a oportunidade de ouvir e criar novas tramas narrativas para a sua própria existência, pois

é ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 1989, p. 17).

Assim, a proximidade com a arte literária proporciona um respiro diante dos tumultos do mundo, um mergulho às errâncias individuais, uma construção e reconstrução contínuas de si, enfim, permite “encontrar vida nas palavras” (PETIT, 2010, p. 47). No tocante ao tema, Marisa Lajolo declara que a

Literatura pode ser entendida como resultado de um uso especial de linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome. No limite, ela encena a irreduzibilidade e a permeabilidade de cada ser, pois participa de uma das propriedades da linguagem: a capacidade de simbolizar e de, simbolizando, simul-

taneamente afirmar e negar a distância entre o mundo dos símbolos e dos seres simbolizados. (LAJOLO, 2018, p. 47).

A pesquisadora Teresa Colomer (2017) assinala a força educativa da literatura, que, na perspectiva da autora, “reside, precisamente, no que facilita formas e materiais para essa ampliação de possibilidades: permite estabelecer uma visão contrária, distanciar-se das palavras usuais ou da realidade em que alguém está imerso e vê-lo como se o contemplasse pela primeira vez” (COLOMER, 2017, p. 21).

A esse respeito, Tzvetan Todorov alude que “a obra literária produz um tremor de sentido, põe em movimento nosso aparato de interpretação simbólica, desperta nossas capacidades de associação e provoca um movimento de ondas de choque que se prolongam muito tempo depois do contato inicial.” (TODOROV, 2007, p. 80).

Para a estudiosa Michèle Petit, “apropriar-se dos livros, é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada da infância, o apoio de sua presença sensível para atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação” (PETIT, 2010, p. 65); enfim, em outras palavras, é estar diante do indizível de nós.

Sobre este tema, María Teresa Andruetto propõe que

a arte não generaliza, mas surge de cenas privadas, muito pessoais e assenta seu poderio no humano particular e no concreto. Desse modo, a literatura, com seus artifícios, constrói visões particulares do mundo e questiona as formas oficiais de perceber, de sentir, de compreender. [...] põe o leitor num lugar incômodo porque desnaturaliza o que a sociedade naturalizou. (ANDRUETTO, 2012, p. 191).

Tais observações corroboram o caráter simbólico do texto literário como espaço de acesso ao imaginário coletivo, momento de domínio das especificidades da linguagem a partir da carpintaria elaborada pelos escritores como instrumento de representação e socialização da existência pessoal e social dos sujeitos. Além disso, reiteram a definição de linguagem “carregada de significado” capaz de ser e de continuar

novidade, responsável pela existência da ação de seus artistas, como afirma Ezra Pound, no livro **ABC da literatura**, de 2013. Diante disso, as microficcões representam, assim, alternativa metodológica que contempla demandas da literatura em sala de aula e contribuem para a formação de leitores, visto que, atreladas ao século XIX, representam a vida pela exploração da elipse, da concisão e da seleção vocabular plurissignificativa.

Essas perspectivas proporcionam um ensino-aprendizagem em que os jovens-adultos são instigados a serem protagonistas da ação educacional, uma vez que respeita e projeta na produção textual a oportunidade de inserirem outros lugares de fala<sup>2</sup> não contemplados pelo currículo. Além disso, não se edificam em posturas compensatórias, que os reduzam a um lugar subordinado da ação educacional.

Nesse sentido, a oficina de microficcões reafirma o conceito defendido por Miguel Abad de “cidadanização dos jovens”, por meio de “políticas de autovalorização”, uma vez que tais práticas visam “à afirmação da condição juvenil, nas quais são reconhecidos como sujeitos e atores políticos capazes de intervir em sua situação social e histórica, de se posicionar criticamente diante [...] do mundo de uma maneira geral”. (LEÃO, 2011, p. 80). Desta forma, a inserção de projetos de leitura literária na EJA reforça a necessidade de criar momentos e encontros em que as vivências múltiplas possam ser expostas, discutidas e reafirmadas por meio dos significados e sentidos veiculados nas experiências sociais e humanas representadas nas microficcões. Fato que “ultrapassa a oferta de uma segunda oportunidade de escolarização” e, concebe um ensino edificado pelo reconhecimento dos estudantes como “jovens e adultos em tempos e percursos de jovens adultos” (ARROYO, 2011, p. 23).

A aplicação pelos docentes da prática proposta reitera as ideias de Miguel Arroyo, no livro **Passageiros da noite: do trabalho para**

2 RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

a EJA: itinerários pelo direito à uma vida justa, de 2017, uma vez que abre “as verdades dos currículos a outros conhecimentos, a outras verdades” e ao trazer “essas outras verdades como temas geradores de estudo e de formação que ampliam seu direito ao conhecimento como educadores e educandos. Traz novas dinâmicas para os currículos. Repõe um diálogo de saberes no território dos currículos.” (ARROYO, 2017, p. 18).

A elaboração de microficcões como projeto de ensino-aprendizagem para o EJA veicula o olhar para o texto literário como arte representativa da vida, do eu, do outro e, conseqüentemente, do mundo, capaz de amalgamar todas as representações sociais e, possibilitar, desta forma, ao docente caminhos educacionais menos segregadores.

Nesse sentido, a inserção de práticas de leitura e escrita literárias em sala de aula representa um aliado imprescindível para a formação de cidadãos (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991) por refletir questões pedagógicas, comportamentais, morais, cívicas e, apresentarem um caminho sólido para o protagonismo, uma vez que o seu fazer suscita encontros, questionamentos histórico-culturais, postura ativa frente aos acontecimentos mundiais atuais e diálogos entre autor-texto-leitor pela proximidade temática lida, discutida e produzida.

A leitura e a análise de microficcões em oficinas de escrita literária possibilitam aos estudantes a aproximação com territórios contestados (DALCASTAGNÈ, 2012), pelo tensionamento circunscrito de tempos, espaços e sujeitos retratados na arquitetura literária como forma de contestar as representações impostas pela tradição e imprimir novas prerrogativas para a apreensão do lugar de fala dos sujeitos sociais. Tal espaço proporciona a percepção de que o texto literário é momento de reimaginação do mundo, de encontro que possibilita aos seres se transformarem em outros e, ao mesmo tempo, regressarem para a essencialidade de si mesmos, desvelando novas descobertas e novas possibilidades.

Diante de tais questões, a criação de práticas de leitura literária na Educação de Jovens e Adultos, mediada pelo docente, permite o desenvolvimento de um olhar plural sobre os vazios, sobre a realidade sofrida das periferias, das vidas das famílias desfeitas, da pobreza, dos receios, das alegrias, além de explicitar o convite para a fabulação, para o simbólico e para os aspectos artísticos da palavra, como a ironia, a surpresa, o humor, o estilo, isto é, para a expressividade da palavra que forma, ordena vivências, humaniza e transforma pela exploração de sentidos apreendidos no texto.

A inserção dos jovens-adultos em atmosferas artísticas, na e além da sala de aula, em projetos que transponham as práticas rotineiras e conteudistas, aguça nos discentes a vontade de aprender e de descobrir o que os cerca, convida-os a participar do narrado e a conviver com acontecimentos comuns à vida, valendo-se, para isso, de expressões comuns à fala. Tais concepções convertem o fazer pedagógico em espaço humanizador, porque propicia aos envolvidos refletir, questionar e redescobrir o jogo simbólico e fabulativo presente nas narrativas e na vida.

Esse olhar em relação à leitura literária elucida o entendimento de que o contato com o texto literário, sob a microficcão, propicia aos alunos refazerem “sua vida, corrigindo-a à sua maneira e reviver todos os prazeres ou conflitos, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção” (MAGALHÃES, 1987, p. 30). Sendo assim, o contato com as microficcões representa uma das possibilidades educacionais disponíveis ao professor que, juntamente com o mundo tecnológico, favorece o letramento literário do leitor por possibilitar a diminuição das diferenças sociais, uma vez que a “leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 2011, p. 30). Sendo assim, a leitura do texto literário faz-se necessária ao homem, pois dá sentido ao mundo e, também, ao próprio homem.

## O ESTILHAÇO DA VIDA EM FRACTAIS LITERÁRIOS

A arte literária é espaço de reinvenção, de reimaginação, de transgressão, de denúncia, de encontro, enfim, de vida que pulsa em nós e, nesse sentido, os gêneros e os temas são inesgotáveis, visto que há sempre autores espelhando-se na tradição literária para lançar novas tendências e formas literárias.

Nos séculos XIX e XX encontramos escritores que vislumbraram novas concepções para o texto literário, e que criaram microficcões – mesmo que assim não denominadas –, como Anton Tchekhov, Ernest Hemingway, Franz Kafka, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Raul Pompeia, entre outros. Com o advento da tecnologia, da velocidade da informação, da forma sucinta de ser e de dizer das redes sociais, tais concepções ganharam, no século XXI, olhares, repercussões, estudos e denominações. Assim, esses tempos fluídos e massivos fizeram com que a literatura transitasse por novas esferas comunicacionais com produções narrativas que instigassem o imaginário coletivo, provocando estranhamentos pelas elipses, pela concisão, pelo olhar atento e crítico à realidade, para apreender o tumulto que caracteriza a existência contemporânea.

A esse respeito, Rauer<sup>3</sup> (2021) tece definição bastante precisa, embora metafórica, a respeito do microconto:

3 No site da Editora Pangeia, Rauer publica alguns estudos sobre a microficcão, que esclarecem algumas das especificidades da microficcão e suscitam leituras para a definição da arquitetura literária que engendra tais textos. O primeiro deles, publicado em agosto de 2019, intitulado **A arte de escrever 5 – 29 aforismos sobre o microconto**, traz definições que explicitam a arte literária que engendra essa micro-narrativa. No segundo, **A arte de escrever 12 - A concisão do infinito**, com antologia de microcontos, o autor discorre sobre a poética que caracteriza o gênero e os elucida com uma seleção de microcontos. Os textos podem ser acessados pelos links abaixo:  
<https://editorapangeia.com.br/a-arte-de-escrever-5-29-aforismos-sobre-o-microconto/>  
<https://editorapangeia.com.br/a-arte-de-escrever-12-a-concisao-do-infinito-com-antologia-de-microcontos/>

O microconto é limes – é novo, mas haure de tudo que o antecedeu; é poeira do big bang e é horizonte de eventos de buraco negro; é antropoesia concentrada em um fóton; e é a sombra do ricochete do eco da queda do olhar humano no rio tumultuoso da vida. (RAUER, 2021, p. 123).

Do escritor também é possível encontrar microcontos que engendram leituras e suscitam reflexões sob essa arte literária:

### MICROCONTO

Narrativa.  
Cristal-Vivo.  
Uma só visada.  
Um único golpe.  
Nocaute.

(RAUER, 2020, p. 179).

### FÓTON

#microconto  
#microcontos  
eis a questão, eis a dúvida  
entre ser e não ser,  
a angústia diante do  
inexistente que prefigura o  
inesperado.

(RAUER, 2020, p. 188).

### FRACTAL

Narrativa

(RAUER, 2020, p. 188).

Dona de uma estética própria, que requer mais estudos e olhares minuciosos, a micro-

ficção desmembra-se em nanocontos, em microcontos, em minicontos e em contos curtos<sup>4</sup>. Com o intuito de avançar os estudos da microficcão e elucidar o *limis* que a caracteriza, o pesquisador Rauer Ribeiro Rodrigues menciona em artigo dedicado ao tema, postado no blog da editora Pangeia que

o conto curto se estabelece a partir de 701 caracteres e 36 nós dramáticos até 3500 caracteres e 175 nós dramáticos; e o conto tradicional, nesse caso, a partir de 3501 caracteres e 151 nós dramáticos, até algo impreciso e indefinível em torno de 20 mil ou 30 mil caracteres (sempre com espaços) e 800 a mil nós dramáticos. (RAUER, 2022).

E complementa tais observações, acrescentando que

O **nanoconto** começa com zero caractere e zero nó dramático [...] e vai até cinco nós dramáticos em 99 caracteres (com espaços).

O **microconto** vai de 100 a 333 caracteres (com espaços) e de 6 a 17 nós dramáticos.

O **miniconto** se define a partir 334 caracteres (com espaços), até 550 caracteres (com espaços), tendo entre 18 a 28 nós dramáticos.

Quanto ao número de palavras, em uma primeira visada taxonômica, talvez possamos considerar que o nanoconto fica mais ou menos entre zero e 15 palavras; o microconto, entre 16 e 45; o miniconto, entre 46 e 90; e o conto ultracurto, com entre 91 e 120 palavras. Esses limes, no entanto, precisam ser ainda mais elásticos que o referente à contagem de nós dramáticos, que é intrínseca à narratividade e, portanto, mais decisiva, a meu ver, do ponto de vista estrutural. (RAUER, 2022).

Assim, as microficcões, imbuídas de algumas particularidades, arquitetam e concentram em si um teor narrativo calcado na elipse e na concisão projetadas nas linhas de força do texto, por meio de seleção vocabular cuidadosa, que,

por sua vez, florescem em camadas significativas de leitura.

### REI

Édipo era chegado numa coroa.  
(AGUIAR, 2021, p. 57).

No microconto de André Ricardo Aguiar, a escolha dos vocábulos “rei”, “Édipo”, “coroa”, funciona como *icebergs* que flutuam na página e convidam o leitor a mergulhar nas entrelinhas do texto para descobrir quem era Édipo? por que se tornou rei? Quem era a coroa de que gostava? ou qual era a coroa que almejava? O título tem a função de um aposto que retoma o termo Édipo e explicita sua função no espaço da narrativa. Além disso, o duplo sentido em torno da palavra “coroa” recupera o drama grego e o insere na contemporaneidade, ao suscitar a leitura de que Édipo almejava tanto o poder, quanto gostava de mulheres de meia-idade. Assim, cada palavra-parágrafo traz consigo silêncios que incitam o leitor a adentrar os interstícios do dito da narrativa visível para ressonar em ampla gama significativa de leitura.

### DIVÓRCIO

Sem anseio – ter voz e se fazer ouvir. Como, se a aliança aperta no pescoço?  
(RIBEIRO, 2021, p. 15).

Na micronarrativa de Alciene, os vocábulos exprimem o drama de um sujeito enclausurado pelo casamento, em que o desejo da personagem, embora negado pelo uso do advérbio “sem”, que inicia o parágrafo, projeta-se na narrativa pelo uso do travessão, a fim de ressaltar as ironias conjugais pela utilização do paradoxo da fala que enuncia a falta de voz e a volição em se fazer ouvir. A palavra “aliança” destaca-se na frase interrogativa ao retomar o paradoxo inicial, visto que o símbolo da união é o mesmo que aperta, asfixia o pescoço e grita pelo divórcio. Além desses aspectos, a concisão convoca o leitor a ser coparticipante do narrado, uma vez que o motiva a se aventurar no jogo narrativo elaborado pela autora, para investigar os vocábulos-signos e compreender a multiplicidade de leituras produzidas. A elipse como elemen-

4 Em publicação recente, julho de 2022, no blog da Editora Pangeia, Rauer, em artigo intitulado **A arte de escrever 22** – Do conto ao nanoconto, faz estudo inovador ao traçar a linha ténue que pode definir e especificar as diferenças entre o nanoconto, o microconto, o miniconto e o conto curto. Link de acesso: <https://editorapangeia.com.br/a-arte-de-escrever-22-do-conto-ao-nanoconto/>

to que incita o desvendamento das linhas de força do texto e, conseqüentemente, expande a possibilidade significativa do texto, pode ser verificada em outras microficcões da escritora:

### EM ELIPSE

Oração de sujeito oculto que insiste em se dizer sem palavras – eis o microconto.  
(RIBEIRO, 2020, p. 23).

### SÍNTESE

Do maior ao menor conto, tudo acaba no ponto.  
(RIBEIRO, 2020, p. 14).

Outro exemplo de microficcão que explora a ironia, a jocosidade, a crítica social, o jogo de palavras, o diálogo, a síntese, o fractal, é o texto de Marcio Markendorf:

### REALIDADE

– Machucou?  
– Quê?  
– Quando caiu em si.  
(MARKENDORF, 2021, p. 34).

A microficcão de Marcio Markendorf

encontra, no plano linguístico, a projeção de imagens, conceitos e formas que, amalgamada aos planos discursivo e semântico, criam uma plêiade significativa, polissêmica e proteica que exige do leitor uma proficiência leitora e uma ação coparticipativa para preencher as elipses e os vazios deixados pelo narrador. (MACHADO, 2022).

Nesse sentido, as microficcões, como cristais chocam pela força atômica que possuem de expor o caleidoscópio que caracteriza o humano. Sendo assim, a introdução da microficcão em ações de leitura e escrita, em ambientes educacionais, favorece o experimentalismo com a linguagem, a observação dos jogos linguísticos, a força expressiva da palavra e a ativação dos conhecimentos prévios para possibilitar a exploração do simbólico, da fabulação, da imaginação e da criatividade.

Assim, o surgimento e a disseminação dessas microficcões atrelam-se aos novos modelos de ler e de produzir literatura, visto que

as possibilidades de interpretação de um texto exigem reformular as perspectivas tradicionais

e considerar que um gênero deve ser definido em função dos contextos de interpretação em que cada leitor coloca em jogo suas experiências de leitura (sua memória), suas competências ideológicas (sua visão de mundo) e seus apetites literários (aqueles textos com os quais está disposto a comprometer sua memória e colocar em risco sua visão de mundo). (ZAVALA, 2004, p. 124, tradução nossa).

Nessas mínimas formas de máximos significados, os estudos acerca do conto moderno, desde o tecido por Edgar Allan Poe, no ensaio **A filosofia da composição**, 2000, até o ensaio feito por Ricardo Piglia, **Teses sobre o conto**, de 2004, que teoriza sobre as concepções composicionais acerca do gênero conto, já não são mais suficientes para analisar os elementos narrativos microficcionais, uma vez que estes adquirem função metonímica e desestabilizam a ordem vigente do texto, da palavra, do dizer. Assim, a microficcão

goza de sus propias marcas de género tanto formales (trama, personajes, espacio, tiempo-elipsis, diálogos, final sorpresivo y enigmático, valor del título y experimentación lingüística) como temáticas (intertextualidad, metaficción, ironía, parodia, humor e intención crítica); posee una intención o función específica, la de subvertir las normas preestablecidas e incitar mediante esta ruptura a la reflexión y el análisis; exige un lector concreto, activo y competente capacitado para sellar el pacto de lectura; utiliza para su difusión diversos medios y soportes, y la práctica, tanto de su escritura como de su lectura, está ligada a la condición natural de narrar del hombre. (BLANCO, 2019, p. 61).

O contato com autores diversos, em suportes diferentes, mediados por rodas de leitura, desperta a curiosidade dos estudantes ao suscitar, pela ativação dos conhecimentos prévios, múltiplas leituras. Tal ação faz do espaço escolar, um local instigante, de efervescência artístico-cultural, que expande e aprimora o olhar dos alunos para a intencionalidade comunicativa do autor e para as várias formas de dizê-las e de sugeri-las.

A leitura e a produção dessas micronarrativas, como proposta metodológica de ensino,

enseja uma escola viva, em que os conteúdos estudados oportunizam aos estudantes compreender diferentes formas de viver, de ser, de estar, de fazer, de dizer, para que possam, de maneira ativa, dispor de recursos para enfrentar a sociedade e o mundo. As micronarrativas, como exemplo literário, que se reinventa do conto ou surge sendo um gênero novo, nascido de nosso tempo, recria a vida, o humano, rompe padrões, estereótipos, avança e aborda os territórios contestados da arte (DASCASTAGNÉ, 2012), acentuando que o estético é mais que um conceito, é um espaço de reelaboração de atitudes, de ponto de vista.

De acordo com essas considerações, as práticas de leitura tornam-se um processo dinâmico, no qual o leitor “se reescreve como sujeito no texto e é também pelo texto transformado” (AMORIM, 2022, p.135) e, se constituem em experiências que conduzem o leitor a ser sujeito na elaboração do texto literário (ROUXEL, 2017).

Para exemplificar tais questões e oportunizar aos professores alternativa metodológica de ensino, apresentamos um projeto de leitura e escrita pautado no contato com o texto literário, a fim de inserir a literatura nas aulas de língua portuguesa, atrelada a atividades que incitam o olhar para o contemporâneo, para si e para o outro como forma de ampliar o horizonte de expectativas e propiciar ações mais interativas, dinâmicas e ativas para o desenvolvimento do protagonismo, por meio de contextos reflexivos e críticos do ensino. Ressaltamos que a metodologia proposta não é prescritiva é, antes de tudo, um caminho para o docente se apropriar para oportunizar práticas mais coerentes e condizentes às necessidades educacionais, bem como despertar o gosto de ler e escrever nos jovens-adultos.

As atividades propostas para a *Oficina de escrita literária: microficcões* foram organizadas para serem desenvolvidas pelos professores durante três semanas, nas aulas de língua portuguesa. Por refletir o humano, a vida, as ações e atitudes que engendram o homem,

tal prática propicia a interação de alunos de diversos níveis educacionais, independente do pré-requisito que possuam e da concepção de escrita que tenham, visto que, a de microficcões proposta centra-se no trabalho com a palavra, na observação da tipologia textual narrativa, nos elementos que estruturam e compõem tal gênero, além da leitura de diversas microficcões e da socialização das percepções sentidas e percebidas.

## OFICINA DE CRIAÇÃO LITERÁRIA: MICROFICÇÕES

A elaboração de projetos educacionais que compreendem a literatura como espaço de denúncia, de deslocamento, de reexistência, de contestação e de transformação dos sujeitos nas aulas de língua portuguesa, visa, além dos conteúdos previstos, contribuir para o desenvolvimento das habilidades leitora e escritora dos estudantes, tão acentuadas depois de tempos pandêmicos, assim como propicia aos alunos condutas e posturas mais reflexivas e ativas frente às questões sociais e históricas que os cerceiam.

Para isso, apresentamos aos docentes uma alternativa de ensino que engloba o estudo da tipologia narrativa, dos gêneros narrativos, do conhecimento da tradição do conto e da inserção na contemporaneidade literária. Partimos do pressuposto de que momentos de fabulação, de inventividade, de fantasia, de criatividade devem ser explorados nas mais diversas disciplinas a fim de conceber indivíduos mais sensíveis, simbólicos e, portanto, menos passivos. Sendo assim, a oficina de leitura inicia com a releitura de mitos<sup>5</sup>, de fábulas, de contos de

5 Sugerimos alguns títulos para esse primeiro momento, dentre eles: **Os deuses do Olimpo**, de Mene-laos Sthefanides, 2011; **Mitos gregos para jovens leitores**, de Nathaniel Hawthorne, 2020; **Como surgiu: mitos indígenas brasileiros**, de Daniel Munduruku, 2011; **Fábulas de La Fontaine**, 2012; **Cinderela brasileira**, de Marycarolyn France, 2006; **Conto de fadas ingleses**, de Jacobs Jacobs, 2021; **Conto de fadas dos Irmãos Grimm**, 2019; **Cordel**, de Patativa do Assaré, 2000; **Heroínas negras**

fadas, de cordéis, de contos, juntamente com a discussão coletiva, com a observação da estrutura, da estilística, do fazer artístico de cada autor estudado, dos elementos característicos das obras lidas e de produções de textos, para que os estudantes possam recuperar conhecimentos da tradição oral e ressignificá-los.

A leitura das obras citadas tem por objetivo a observação das várias configurações do texto narrativo, além de ampliar o repertório cultural dos estudantes com a recuperação de textos pertencentes ao imaginário coletivo e desenvolver o conhecimento das técnicas, do estudo, da reescrita que envolve a produção literária. Como finalização da primeira etapa, propõe-se a socialização dos conhecimentos resgatados e dos apontamentos levantados a cada leitura. Em seguida, a sala se prepara para a elaboração de uma oficina de criação literária de micronarrativas.

O procedimento metodológico que fundamentará a oficina é o método criativo (cf. Bordini & Aguiar), que está associado a práticas artísticas, em que a criatividade é posta como método e ultrapassa o puro saber para se converter em conhecimento, visto que propõe a apropriação e a transformação da realidade, uma vez que “[s]upõe uma relação do homem com o mundo, em que o alvo não é meramente o conhecimento do que existe, mas a exploração do existente para a produção de algo novo” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 62). Assim, o uso do método criativo tem por objetivo observar o modo como o aluno estabelece as relações entre os níveis culturais que o interligam com o contexto ao qual faz parte, possibilitando-o notar-se como um ser histórico, dotado de valores culturais construídos e em constante construção, ao longo de sua formação:

a atividade criativa se pauta, pois, por dois característicos, intuição e subjetividade, o primeiro entendido como a capacidade de apreender o mundo, sem o crivo do pensamento lógico, na sua

**brasileiras**: em 15 cordéis, de Jarid Arraes, 2020; **O corvo e outros contos extraordinários**, de Edgar Allan Poe, 2019; **Contos**, de Machado de Assis, 2012, entre outros.

originalidade, e o segundo como o predomínio do sujeito sobre o objeto, conformando-o a suas necessidades. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 64).

A fundamentação teórica do método criativo encontra-se na atitude intuitiva do sujeito, que, por sua vez, depende dos conhecimentos recebidos para incorporar a exterioridade e reestabelecer o equilíbrio perdido. A motivação, nessa perspectiva, desencadeia o processo criativo por provocar uma reação espontânea, que encontra na existência das relações culturais e mundanas sua solução.

Assim, a oficina será dividida em cinco etapas:

- I. **Sensibilização** – leituras individuais e coletivas dos gêneros em estudo. Nessa etapa, o docente deve apresentar os seguintes livros (**Ainda estavam lá**, de André Ricardo Aguiar, Adriano Salvi e Marcio Markendor, 2021; **minus e brevissimus**, de Alciene Ribeiro e Rauer, 2020; **Micros-Beagá**, Rauer (org.), 2021; **Os cem menores contos do século**, de Marcelino Freire, 2018; **Pá pum**, de Adriano Salvi, 2019, entre outros), em seguida, convidar os alunos a navegarem pelos sites (Araraneon<sup>6</sup> e Canal Formas Brevíssimas<sup>7</sup>), e pelo perfil @microliteratura, para que possam entrar em contato com o gênero. O tempo de realização dessa primeira etapa é de duas aulas. Após duas aulas de leitura e navegação em várias páginas digitais, uma roda de conversa deve ser proposta para que os alunos apontem as observações, impressões e dúvidas sobre os textos lidos. Os apontamentos levantados pelos discentes precisam ser discutidos, explicados e escritos na lousa pela professora e, por fim, copiados nos cadernos dos estudantes.

6 Disponível em: <<https://www.araraneon.com.br/post/microcoliteratura-contempor%C3%A2nea>>. Acesso em: 15 jun 2022.

7 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VRUcU4gDorg&t=7395s>>. Acesso em: 15 jun 2022.

- II. *Conceitualização* – discussão coletiva e levantamento das particularidades dos gêneros. Após o contato inicial com os textos, o docente seleciona algumas microficcões, projeta-as na televisão, realiza a leitura e inicia a análise dos textos, a fim de mapear as estruturas, os temas, o estilo, a função e a intencionalidade comunicativa que engendrava cada obra em análise. Em seguida, distribui alguns nanocontos, microcontos e minicontos aos alunos retirados dos livros, do perfil, do canal e do site mencionados no momento anterior para juntos, realizarem a leitura e o estudo dos textos. Ao final, os estudantes anotam as conclusões obtidas no caderno.
- III. *Coleta de dados* – na biblioteca e/ou na sala de informática, os alunos são convidados a acessar, novamente, as plataformas de divulgação e produção de microficcões, bem como reler os livros impressos e digitais dos autores que mais se identificaram, para analisarem e observarem a arquitetura composicional utilizada por eles, para assim fundamentarem a escrita das produções que farão.
- IV. *Produção* – a partir dos matizes estudados e das características artísticas dos escritores lidos, inicia-se a oficina de produção das microficcões. Esse momento conta com leituras conjuntas durante as produções e com a participação ativa dos estudantes, com discussões coletivas para definir o melhor título, o vocábulo mais pertinente para a produção de um ou outro colega, bem como a discussão do conteúdo a ser desenvolvido na microficcão. Por fim, o mediador lê as produções finais para a turma, realiza a correção, sensibiliza os estudantes quanto à importância da reescrita do texto e propõe a divulgação dos textos produzidos.
- V. *Divulgação* – na sala de informática e/ou no celular pessoal, os alunos são

apresentados à plataforma Canva<sup>8</sup>, para criar o *template* das microficcões. A professora exibe um tutorial das principais funções do recurso e, em seguida, solicita que editem a fonte, o tamanho, a cor e a imagem de fundo das microficcões produzidas por eles. Por fim, os textos são revisados, impressos e publicados no mural da escola.

Para além da apreensão da microficcão, o objetivo da oficina de criação literária é proporcionar aos estudantes a importância da depuração com a linguagem, da leitura de mundo e de como se constrói o fazer artístico de um autor. Nesse sentido, a produção das microficcões salienta a importância da unidade educacional, transpor as paredes da sala de aula, flexibilizar o currículo para desenvolver a sensibilidade, aguçar a curiosidade, a criatividade, a fantasia e, assim, romper padrões, vivências, estereótipos e certezas que, encontram na leitura e na produção literária um espaço para reexistir, para ser, sentir e dizer.

A elaboração do projeto de escrita de narrativas microficcionais aguça o olhar para as manifestações da linguagem e para as múltiplas apreensões significativas que ela pode adquirir a partir da intencionalidade e da capacidade do escritor de mobilizar a língua para expressar e representar sua parcela da existência. Sendo assim, os textos escritos representam o olhar atento dos estudantes para a linguagem, para as formas conotativas e subjetivas de expressar o sentido, a fim de expor sua individualidade e, ao mesmo tempo, atendem as demandas sociais e estilísticas. Além disso, salienta a constatação de como a intencionalidade comunicativa do escritor pode manipular os elementos narrativos, principalmente em relação à figura do narrador e de como a escolha precisa da palavra pode suscitar leituras e ampliar a gama significativa do texto, características da arquitetura textual literária.

Além do mais, o projeto desenvolve a experiência afetiva e individual, por meio da leitura

8 Canva: ferramenta gratuita de design gráfico. Link de acesso: <https://www.canva.com/>

e da produção dos textos de microficcões, visto que proporciona aos estudantes a compreensão de outras formas artísticas da arte literária. Além disso, permite a descentralização canônica do texto literário ao colocar os estudantes em contato com autores e obras que traduzem outras vozes e revelam novas vivências culturais e sociais, enriquecendo o espaço escolar.

As produções construídas pelos estudantes revelam como a arte literária e a noção do estético são espaços que permitem a reelaboração da existência e de pontos de vista. De forma fractal, a leitura e a escrita das microficcões traduzem as incompreensões, os enclausuramentos, as dores, os sentimentos dos alunos e expressam o processo dinâmico produzido pela leitura: permitir que o leitor se reescreva no texto e seja por ele transformado. Por pressupor e considerar as leituras e os conhecimentos prévios dos alunos como sujeitos na construção dos textos, a oficina de microficcões sensibiliza desejos e contribui para a criação de indivíduos mais conscientes, mais participativos e críticos do processo de ensino-aprendizagem.

## CONCLUSÃO

A intencionalidade deste artigo foi de oportunizar aos docentes alternativas de ensino em que o texto literário fosse concebido além do espaço da sala de aula, a fim de auxiliar os envolvidos nos contextos educacionais na promoção de vivências, experiências e projetos, bem como de recursos que propiciarão práticas mais plurais e significativas do texto literário aos alunos, com o intuito de ampliar o repertório cultural e humano. Por meio da especificação da metodologia de ensino, centrada no método criativo, salientou-se o quanto à tecnologia, à leitura, à literatura e à produção textual mostram-se meios válidos e oportunos para mobilizar saberes e instigar os múltiplos significados do texto literário e, conseqüentemente, do ensino, para despertar uma nova percepção dos processos criativos que compõem o fazer literário.

Conforme salientado, a criação de espaços

de leitura e escrita literária por meio de oficinas sobre as microficcões permitirá aos docentes tecer a relação entre o incentivo à leitura e escrita em cenários educacionais segregados, como o EJA, por meio da inserção da literatura como espaço de apreciação, estudo, revelações, encontros e produções. Tais ações são capazes de promover a apreensão das particularidades estruturais, estilísticas, e semânticas do nanoconto, do miniconto, do microconto e do conto curto, mediante à promoção de um ensino mais inclusivo e libertador, permeado pelo contato com o texto, no percurso da sala de aula, como um dos caminhos possíveis encontrados para despertar o gosto pela leitura e escrita.

Assim, a proposta da oficina de microficcões em sala de aula evidencia como os gêneros literários analisados são capazes de interligar leitura, literatura e produção artística por meio da mediação do professor, mostrando-se uma alternativa metodológica, em que o processo de multiletramentos apresentado torna-se ferramenta importante e instigante do ensino-aprendizagem, a fim de auxiliar o docente a criar uma relação real e instigante de leitura com seus alunos.

## REFERÊNCIAS

- ABAD, Miguel. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivencia, ciudadanía y nueva condicion juvenil en Colombia. In: **Políticas públicas de juventud en America Latina. Políticas nacionales**. Viña del mar: Centro de Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas – CIDPA, oct. 2001 [2003], p. 229-263.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
- AGUIAR, André Ricardo; SALVI, Adriano; MARKENDORF, Marcio. **Ainda estavam lá**. Florianópolis: [s.n], 2021.
- AMORIM, Marcel Alvaro de [et al]. **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.
- ANDRUETTO, María Tereza. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução de Carmem Cacciarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-a-

- dultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. de C.; GOMES, N. L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- ARROYO, Miguel González. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BLANCO, Belén Mateos. Quince hipótesis sobre géneros para delatar al microrrelato. **Tropelías**. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada, Universidade de Zaragoza, Espanha, 32, 2019, p.152-162.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- FREIRE, Marcelino. **Os cem menores contos brasileiros do século**. São Paulo: Ateliê, 2004.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. História & histórias. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura**: ontem, hoje, amanhã. São Paulo: Unesp, 2018.
- LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Políticas de juventude e Educação de Jovens e Adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. de C.; GOMES, N. L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MACHADO, Karina Torres. A arte de escrever 20 – Microconto: cacos, estilhaços e fótons. **Blog da Editora Pangeia**, 2022. Disponível em: <<https://editorapangeia.com.br/artes-escrever-20-microconto-cacos-estilhacos-fotons/>>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- MAGALHÃES, Ligia Cademartori. História infantil e pedagogia. In: ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. **Literatura infantil**: autoritarismo e emancipação. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. p.41-60.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler**: como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: 34, 2010.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: PIGLIA, R. **Formas Breves**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004.
- POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de José Paulo Paes, Augusto de Campos. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. A arte de escrever 05 – 29 aforismos sobre o microconto. **Blog da Editora Pangeia**, 2019. Disponível em: <<https://editorapangeia.com.br/a-arte-de-escrever-5-29-aforismos-sobre-o-microconto/>>. Acesso em: 03 ago. 2022.
- RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. A arte de escrever 12 - A concisão do infinito, com antologia de microcontos. **Blog da Editora Pangeia**, 2020. Disponível em: <<https://editorapangeia.com.br/a-arte-de-escrever-12-a-concisao-do-infinito-com-antologia-de-microcontos/>>. Acesso em: 03 ago. 2022.
- RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. A arte de escrever 22 – Do conto ao nanoconto. **Blog da Editora Pangeia**, 2019. Disponível em: <<https://editorapangeia.com.br/a-arte-de-escrever-22-do-conto-ao-nanoconto/>>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. **Minimus & brevíssimos**. Uberlândia, MG: Pangeia, 2020.
- RAUER (Org.). **Micros-Beagá**. Uberlândia, MG: Pangeia, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.
- ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, N.; REZENDE, N. L. de; JOVEREBLE, L. J. E. (Orgs.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- SALVI, Adriano. **Pá pum**: microcontos. Maringá-PR: Editora Viseu, 2019.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- ZAVALA, Lauro. Para analizar la minificción. **Folios**, n. 20. Bogotá: UPN, 2004.

Recebido em: 27/10/2022  
Aprovado em: 17/12/2022